



# A Exploração do Ceará

POR PERO COELHO DE SOUZA

EM 1603

(Conferencia realizada na Phenix Caixeiral de Fortaleza)

---

Esvoaçando nos penoes das caranguejas das pesadas e bojudas náus de guerra, farfalhando por sobre os agueridos regimentos, a bandeira aurea-rubra de Castella dominava altaneira do azuleo golfo de Parthenope á ponta arenosa do cabo Sable, dos verdes archipelagos do mar de Colombo aos cerros selvagens do Chile.

Reinava, então, na côrte faustosa de Valladolid Felipe III de Castella e Aragão, II de Portugal.

Por falta de energia e patriotismo, n'uma época de desanimo social e entibiamento popular, guerreando-se as ambições desregradas, Portugal vira, estupidamente imovel, o féro Duque d'Alba esmagar a sua liberdade no sangrento recinto da ponte de Alcantara.

O D. Prior do Crato, intrigante, heroico e proscripto, refugiara-se nos algares da ilha Terceira.

E Miguel de Vasconcellos, cercado de tedescos, viera, com a Duqueza de Mantua por um braço e o Primaz de Braga por outro, exercer mesquinhas vinganças nos vestustos paços da monarchia portugueza.

O ultimo representante della,—um moço de educação jesuitica, eivado de táras, cheio de psychopathias, desaparecera num torvelinhar de albornezes, entre almo-

gaures arabes, na planice vasta e rasgada de Alcacer Quibir.

Esse gigantesco imperio das Hespanhas, cahido ás mãos do immediato successor do DIABO DO MEIO DIA, perdêra já a Germania, a Austria e as Flandres, mas adquirira a velha Lusitania, o Brasil, as Indias e a Guiné.

Era quasi todo o orbe o seu immenso territorio, embora já se houvesse ido o aureo tempo em que dominara a Allemanha toda, os Paizes Baixos, e o Roussilhão, disputando o Milanez ao cavalheiresco Francisco de Valois e o commercio das especiarias aos flamengos; e em que possuirá as Duas Sicilias por herança e as Duas Americas por conquista.

Poder immenso que bruxuleou durante seculos! Grandeza gigantesca, cujo brilho empanaram o sangue dos Incas e dos Aztécas, as infamias dos *conquistadores*, os autos de fé, a execução do Conde de Horn e as miserias da Hollanda!

Carlos V se orgulhava do sol não se pôr nos seus Estados. Fernão Cortez lhe dêra mais cidades que paizes lhe legaram os avoengos. Carlos morreu em S. Justo, monasticamente. Felipe .II, o filho, começou a funebre tarefa de abater a Hespanha.

Foi uma sombra negra e sinistra, erma e sombria, manchada de sangue, clareada pelas chammas das fogueiras inquisitoriaes, que enche o historiador de calafrios. O terceiro Felipe, um imbecil, foi um boneco nas mãos do conde duque d'Olivares.

Grandeza funesta!

O triumpho de Pavia valeu a fuga de Innsbruck e S. Quintino foi somente a desforra de Marignan.

Na época que estudamos ainda a Hespanha era senhora forte de uma grande e magnifica parte do mundo.

Ao aspecto imponente de sua força, de sua riqueza magestosa, de seu commercio monstruoso, de seu immenso territorio e de seu poderio militar—o gallo dos francos limava os esporões, na defensiva; o leão veneziano, cujas garras roubára o feito de Vasco da Gama, encolhiase, de medroso e despeitado, no fundo do Adriatico; a

aguiã teutonica abria as azas da alliança ; o leopardo britannico, ao longe, curvava as garras nas tribus selvagens do Baixo-Canadá ; e o urso moscovita, barbaro, selvagem, espreitavã, sinistramente silencioso, do fundo gelado das steppes, o progresso da Europa.

Jã era livre quem, em prõl da liberdade, fizera frente á Hespanha e a vencêra nos tempos de maior força e de riqueza maior Fõra um punhado de farroupilhas batavas, de piratas do Texel, de corsarios pisões, que na Historia escreveram com sangue—povo livre da Republica das Provincias Unidas dos Paizes Baixos.

Eram esses leões os hollandezes, porque leão foi o almirante que, no mastro da capitanea, içou a vassoura de bordo em signal de ter varrido o mar dos inimigos ; porque leão foi o bronzeo e magnifico Guilherme de Orange, o taciturno ; e porque leão foi o gigante que se chamou Marnix de Sainte Aldegonde !

Era esta a situação politica do mundo, quando da Parahyba partio com destino ao Ceará a expedição de Pero Coelho de Souza.

Todos os exploradores foram portuguezes, mas o Brazil era colonia hespanhola.

\*  
\* \*

Nesse tempo ainda se expandia a raça latina ; ainda havia o delirio das aventuras e a febre das conquistas ; ainda existiam as vertigens do desconhecido, as attracções dos paizes ignotos ; ainda se combatia pela fé e ainda se acreditava no El Dorado.

A carencia de meios lançava fóra dos ambitos estreitos dos seus habitats os povos latinos do occidente. Novos productos, tambem, exigiam novos centros de commercio.

Portugal, uma nesga de terra apertada entre a Hespanha e o Atlantico, falto de recursos, baldo de meios, atufado de gente, lançou-se aos descobrimentos maritimos e, depois, ás explorações parciaes e consequentes das terras descobertas.

Quasi ao mesmo tempo, influenciada pelo exemplo, a Hespanha seguia a mesma trilha. Mais tarde a Hollanda, a França e a Inglaterra caminhavam no mesmo sentido, acoçadas pelas mesmas causas que, antes de Christo, impelliram ao mar os barcos phenicios e, no anno de 600, em drackars esguios e velozes, os piratas escandinavos.

Descoberto por Colombo o continente americano, fatal e consequentemente se impunham as descobertas e explorações parciaes.

Então nas novas terras surgiram aos milhares os aventureiros.

Fernão Cortez foi para o Mexico; Pizarro, para o Perú; Almagro, para o Chile; Bovadilla, para o Isthmo; Ponce de Leon, para a Florida; Hojeda, para o Yucatan; Cabral, para o Brazil; Solis, para o Prata; e Nunez Ballôa avistou o Pacifico.

A exploração do Ceará foi um corollario da descoberta do Brasil, um ultimo desdobramento dessa expansão da Europa, que veio fundar na America selvagem paizes novos de civilizações filiadas á européa.

Pero Coelho de Souza era do numero desses aventureiros que a sêde de riquezas atirava aos paizes americanos. Ajudára Fructuoso Barbosa a colonisar a Parahyba e, nessa empreza, quasi dêra fim aos seus parcos cabedaes.

Pobre, não tendo usufruido da Parahyba lucro algum, sorriu-lhe, como meio de reaver os escudos perdidos, a exploração das terras que se prolongavam para lá do Rio Grande, além do Jaguaribe.

Nesse desideratum partiu da Parahyba, em Julho sob a canicula abrazadora, pelo areial escandecido, praia em fóra, encetando o seu martyrologio innarravel, confiante, alegre, esperançoso.

Um martyrologio, com effeito, é toda a historia desses aventureiros rudes e destemidos, que o impulso benefico do infante de Sagres atirou á face das terras desconhecidas e ao vasto dos «mares nunca dantes navegados».

E' a historia de todo o explorador, dos Sepulvedas,

dos Levingstons, dos Camerons, e mesmo dos pesquisadores de ouro da California, do Arizona e do Klandyke.

Comsigo trazia o que podia auguriar naquelle tempo, em miseravel nucleo colonial, um aventureiro de exiguo numerario: sessenta e poucos soldados e duzentos auxiliares indigenas, cobertos de cocares, pintalgados, armados de flechas, commandados por seus morubixabas.

Entre os soldados vinha um que, mais tarde, desempenhou preponderante papel na historia do Ceará, e que José de Alencar fez ser loucamente amado por Iracema. Chamava-se Martin Soares Moreno.

Os indigenas eram tabajáras e petyguaras. Pertenciam numa ultima gradação á raça vermelha, americana, que nunca foi submettida, embora não lutasse e sim fugisse, embrenhando-se na selva, ou alliando-se, e chacinando o descuidoso alliado, incapaz de ser civilisada, sem amizade e sem gratidão de especie alguma. Mostravam no rosto a resignação dos vencidos, enquanto, no intimo do peito, a volição da liberdade selvagem, o brilho do sol estival, os mil ruidos confusos da floresta, recordavam-lhes a vida de outra era e lembravam-lhes que com paciencia esperassem o dia da vindicta.

Vinham tentados pelas promessas de saque, de pilhagem e de morticinio. Foram sempre com essas promessas que se encaminharam ás guerras. Montcalm, em 1757, levou dessa fórma contra os inglezes as seis nações alliadas do Baixo-Canadá. Nas guerras de Antonio Lopez de Sant'Anna, o dictador mexicano, os apaches só seguiram as suas guerrilhas no proposito de saquear os *pueblos* do Arizona e do Texas.

Os portuguezes traziam a sêde do ouro, que abundava nas recostas da serra da Ibiapaba, segundo o affirmavam os caminheiros indianos vindos daquellas paragens.

Na Ibiapaba já andavam até francezes vindos do Maranhão, do qual se haviam apoderado uns dieppezes; eram do commando dum tal Montbille e, de parceria com o gentio, carregavam pau brasil e procuravam as riquezas mineraes

No Jaguaribe os portuguezes receberam viveres e

munições que haviam sido transportados em barcos. E' dahi, arrebanhando as tribus que demoravam pela costa, com engodos de toda a sorte, foram descançar os corpos fatigados da aspera travessia no lugar que os indios denominavam —Seará.

\*  
\* \*

O malicioso burilador da «Reliquia», no exotico e terço Topsisius, ridicularisa esses historiadores que, deixando de parte toda a belleza de um facto, suas causas sociológicas, suas consequencias, andam a perscrutar coisas infimas, originaes, difficilimas de constatar, etymologias impossiveis de averiguação, desnecessarias e inuteis.

No emtanto ainda ha muita gente que se occupa disso.

A respeito da origem do nome Seará, por exemplo, muito escriptor tem terçado armas, muito historiador tem remexido pilhas de alfarrabios: mas se encontraram em frente da escassez de documentos e tradições.

E, na verdade, não existe uma trilha segura, uma referencia firme. Tudo é vago e nebuloso através dos tres seculos que são passados.

Dahi vacillarem nas suas bases hypotheticas todas as origens apresentadas. Baseiam-se em supposições e não em documentos.

Os explicadores, quaesquer que sejam, seguem duas correntes, duas direcções bem distinctas:—a corrente historica e a poetica.

Numa existe a preocupação de encontrar no remanso da poesia uma origem bella, romantica, doce e alegre ao coração. E' assim que o genio fecundo e grande de Alencar vai derivar o nome do canto da Jandaia (*ceuro*—cantar forte; *ará*—jandaia); da Jandaia que, na fronde da carnaúba, gritava por Iracema, saudosamente, diante da alva praia, onde espraivavam-se, rugindo, as fortes ondas dos «verdes mares bravios»...

A realidade e a verosemilhança mesmo, e inutil era mais que o esplendor do verdadeiro e o espirito logico e seguro não pode deixar de regeitar tal etymologia, que,

si tem falsa belleza, não tem verdade. Platão ha muito tempo preceituava que o bello não era mais que o esplendor do verdadeiro e o espirito esclarecido de Th. Gautier nos diz, no seu «Du beau antique et du beau moderne», a mesma coisa com differentes palavras.

Na outra direcção se rebusca a etymologia do vocabulo na corrupção dos dialectos selvagens através os tempos, nos costumes locais, architectando todas as transformações graduas do nome nessa grande lei da tradicionalidade, lei social por excellencia, que guarda no seio inexaurível e transmite ás gerações posteriores tudo o que a cooperação creou, fundio ou produziu em todas as actividades sociaes.

Tem a sua base certa e racional na generalidade. mas, particularizando, falham as affirmativas ante a escassez de documentos.

Tanto assim é que, ha tempos, um abalisado cultor da historia do Ceará foi induzido em erro por uma falsa indicação.

Qualquer verificação nos dialectos indigenas é difficilima, já pelo estado de corrupção em que nos chegaram ao conhecimento, já por estarem eivados de nomes portuguezes e africanos, que o contacto das raças lhes introduzio.

Os da corrente historica, na preocupação de darem uma origem ao nome Seará (Ceará), andaram-lhe dando nascimento nas estações de caça (*Suia*—caça) dos aborigenes, numa especie de papagaios de arribação

Qualquer nome selvagem, que comece por S, tem logo jús a ser o pai do nome do Ceará.

Infructiferas e inutilissimas pesquisas

Lembram o espigado sabio de Eça escrevendo o seu immortal livro —A Expressão physionomica dos Lagartos— e a sciencia alumiando pontos escuros da antiga historia como a maneira de abainhar camisas entre os semitas, antes de Christo.

Cada um quer que verdadeiro seja o edificio de suas supposições e raciocinios, mais balburdiando-se as opiniões.

Desconvém essas inuteis tentativas ante a falta de do

cumentos e as alterações da linguagem misturada ao falar do negro e a palavras portuguezas.

Para que, portanto, gastar tempo em procurar saber as razões por que Marcgraff, num seu trabalho, escreveu Sirag em vez de Seará ou Siará, como era costume; e se essa palavra é da lingua tupy ou da cariry!

Ha uma outra origem, que narro pela sua belleza e não porque seja eu partidario convicto della.

Em chegando ao Ceará, Pero Coelho deparou uma planice vasta, branca, muito branca, arenosa, coberta de dunas moveiças, côr de prata, rebrilhando ao sol. O vento do nordeste, soprando com furia, açoitava as frondes murchas de enfezadas palmeiras, d'um verde triste sob os raios corruscantes do sol

Lá adiante, ao longe, além do areial, das palmeiras, duns cajueiros sêccos, acinzentados, fugindo no azul, o cocoruto mais alto da serra do Maranguape avultava no horizonte a espetar no mais alto pincaro os farrapos de nuvens branquicentas, que o vento escurraçava da limpida concha azul do firmamento.

Então o conjunto daquella paysagem erma e esteril acordou-lhe recordações que dormiam, semi-apagadas, no fundo de sua sub-consciencia. Lembrou-lhe o Sahara, por onde, talvez, já houvesse perambulado como aventureiro portuguez que era. Aquella ventania solta, desmedida, salteando de improviso nos quadrantes de léste, desperitou-lhe a atonica sensação do simoun esbravejante, esfrangalhando impiedosamente os quentes areiaes

O sol ardentissimo lembrou-lhe a ardente e devastadora canicula do deserto. A planice, chan e branca monotona e esbrazeada, era como as extensões argenteas do Sahara, sob o eterno latego da luz, com raros palmeaes rachiticos e perfis sinistros de Tuaregs, phantasticamente cavalgando nos longes do horizonte

E o Maranguape, quasi, apagado no céu, tinha uma vaga semelhança com o dorso robusto do Atlas, fechando aos beduinos a fronteira do Maghreb.

Seu espirito por ventura associou essas idéas e entre ellas estabeleceu a preciza relação de semelhança. Quiçá,

chamou aquillo de Sahará, como alguns dizem; e dahi, pela crrruptela, o nome Seará, que sempre foi escripto com S.

Nada, no emtanto, póde-se affirmar.

\*  
\* \* \*

Depois de ter explorado a costa toda, Pero Coelho chegou ás proximidades da Ibiapaba, a terra talhada.

Lá andavam os francezes.

Nas faldas da serrania os gaulezes receberam os lusitanos a tiros de arçabuz e sibilos de frêchas.

Houve uma ligeira refrega, e senhores do terreno, os portuguezes construíram um pequeno castro, com vallos de pedras soltas. Ahi se demoraram, por vezes, sustentando fortes assaltos, curtindo privações, alimentando-se com os ultimos cavallos.

Os francezes pediram para parlamentar com um roufenho toque de corneta, e o estridulo agudo do clarin lusitano deu deferimento. Mas, vistas as onerosas condições propostas, nada se adiantou.

Trataram pela manhã. A' tarde os dieppezes atacaram o acampamento, onde ficaram, derrubados pelas balas e chuços, 17 portuguezes.

Nada disto, porem, abatia o animo do capitão um só momento. Pelo contrario, mais o aguerrida e encorajava.

Ao outro dia, escalou a serra com um troço de sua gente, indo Manoel de Miranda com outro por outro lado.

Encontraram-se as duas forças a meio da serra na primeira fortificação inimiga: e os lusitanos, ébrios de desespero, famintos, picaram a golpe de alabarda sobre as estacadas demolidas os barbudos mosqueteiros de Montbille e os guerreiros vermelhos do chefe Irapuan, o Mel-Redondo. Muitos dias descançaram no reducto conquistado. A abundancia de viveres dos toscos armazens lhes fartou a alterada hostilidade.

Findos elles, tornaram a trepar pelos pendores da cordilheira, fartos e sem fadigas, até o arraial fortificado do poderoso morubixaba-Jurupary assú, o Diabo-grande, que lhes ficou as mãos.

A serra estava cheia de fortificações e os Portuguezes atiravam se, valentemente, em terreno desconhecido e invio, cheio de traições, acobertando inimigos. Mas a sua furia e a sua coragem ficavam vencêdoras de todas as provações.

Tomando o arraial de Jurupary-assú, para a completa conquista da serra, faltava apoderarem-se do ultimo baluarte dos aventureiros dieppezes—o reducto de Irapuan, o Mel-Redondo, o mais poderoso chefe da região, ninho de aguiã, cercado de palissadas, no cimo de uma penha, onde a coberto de surpresas se acoutavam os inimigos.

O desanimo começou a grassar entre os exploradores do Ceará. Isso porque os esbofeteavam as privações e já eram perdidas todas as esperanças do encontro de riquezas naturaes, esperanças essas que os haviam trazido até alli.

Ostentavam má vontade os rudes quadrilheiros ante as difficuldades da situação.

Coelho via a falta de ardor dos companheiros, mas não desanimava. Planejava uma cousa, que os trouxesse de novo ao estado moral de antes.

Era dessa raça de homens rudes e audazes que Portugal produziu no inicio da idade moderna para maior gloria dos seus grandes feitos.

No seu cerebro de homem intelligente e emprehendedor entrechocavam-se ondas de pensamentos febris, tumultuosos; e isso vinha-se refletir na sua alta fronte, cujas rugas mais e mais se cavavam na epiderme caustificada ao sol. Nesses momentos, o seu cenho carregava-se e elle mergulhava a mão, de unhas crescidas, na basta e grisalha cabelleira—como a procurar, com aquelle movimento, uma idéa que lhe brotasse do cerebro, onde as associações de todos os estados de consciencia tumultuavam, produzindo, construindo, imaginando planos...

\*  
\* \*

Era de manhã.

O sol surgia calmo e radioso, a vibrar punhaladas

de luz nos granitos micachistosos das escarpas. Clareavam-se as comas altas dos arvoredos, surgindo, erguendo-se da escuridade, que encobria as cousas.

Sobre as duas ordens de palissadas do reducto de Irapuan, nas estreitas pontes de madeira das guaritas, passeavam lentamente sentinellas indianas e francezas.

Aquellas paravam e, silenciosas, recostadas aos arcos, fitavam com um olhar duro no rosto tatuado de riscas azues os matagaes acorados pelo dorso da montanha. Estas andavam apressadas trauteando farrapos de canções.

De subito, da boca de um selvicola partio uma exclamação gutural de profundo espanto. Todos a repetiram e, retezando os arcos, ficaram immoveis, corpo, gesto e olhar.

No extremo do planalto, que se adiantava ao forte, appareciam grandes tartarugas, pesadas e preguiçosas, rojando pelo chão pedregoso. Por baixo dos cascos daquelles monstruosos cheloneos, luziam pontas de alabardas, bocaes largos de mosquetes.

Um mesmo grito partio dos labios de indios e francezes :

— Os Portuguezes! Os Portuguezes! Presto as trincheiras cobriram-se de guerreiros selvajemente toucados de europeis multicores, de quadrilheiros de Dieppe, de couraça e morrião. E, ao commando dos officiaes, partiram frechas e balas, sibilando.

Pero Coelho, imaginara aquelle stratagem para chegar junto ás trincheiras sem grandes perdas.

Os cascos das tartarugas eram feitos de rijas madeiras e debaixo iam os soldados.

Nos pesados cascos as pedras das fundas resaltavam, as balas de chumbo achatavam-se e as frechas quebravam as pontas, ou, enterradas numa pintura de taboas, tremiam espasmodicamente...

Crescia, ante a impotencia de impedir o assalto, a furia dos assaltados; portanto a luta foi terrivel no escalar das palissadas.

Lançaram-se furiosamente ás trincheiras os membros dos soldados de Portugal.

No escuro dos confusos grupos de combatentes incessantemente rebrilhavam armas. Nos torvelinhos humanos misturavam-se todas as côres—o azul fosco das armaduras de aço, o pardo dos gibões de couro, o acobreado do petyguar, o amarello e o vermelho das plumagens. E por sobre tudo, ás vezes, scintillava profundamente um machado, revoluteando com a força nervosa do golpe, partindo cavamente um capacete e fazendo resaltar-lhe dentre os fragmentos abolidos—farripas de massa encephalica, faúlhas de sangue viscoso, empastelado e estilhaços de ossos espatifados, salpicando ao longe o semblante feroz dos combatentes..

Por vezes, do seio moveção daquella massa de homens, que se matavam, partia um tiro de pistola, uma pancada secca de tacape, o grito de guerra de um morubixába feroz ou o gemido lancinante de um soldado ferido, que os rudes pés de amigos ou inimigos pizavam e repizavam no torvelinhar raivozo, cego, inconsiderado do combate.

A pugna durou muito. Afinal a guarnição fugio. E os Portuguezes apoderaram-se do reducto, aprisionando os mosqueteiros estropiados e feridos, que se não puderam safar.

Indios morreram ás dezenas, e dos poucos Portuguezes alguns faltaram á chamada e muitos tinham a perna ou o braço envoltos em pannos ensangentados.

Depois, na cegueira estonteante da victoria, houve a caça feroz aos fugitivos..

A região submetteu-se. Os escassos francezes, escapos á carnagem, retiraram-se para o Maranhão, onde eram senhores de baração e cutello.

\*  
\* \*

Coelho, apesar de intelligente, era ignorante quanto o podia ser um aventureiro daquellas priscas éras. A victoria alcançada pelo seu engenho envaideceu-o, julgou-se mais do que era e teve a pretensão de, com aquelles soldados abatidos, ir expulsar da ilha de S. Luiz os Fran-

cezes, que ahí se haviam fortificado. Cegava o tanto a vaidade do triumpho, que nem reparou que os seus poucos fanintos mosqueteiros haviam franzido os sobr'olhos acouviarem a ordem de marcha, e que naquellas fronte carregadas, naquelles hirsutos bigodes, que se repuxavam desdenhosamente, pairava o primeiro symptoma de revolta.

Contida ainda por um resto de respeito, por um fragmento de obediencia, embora descontente, partio a expedição em demanda de Parnahyba ou Punaré arrasando com a promessa do saque e do morticinio as dúbias tribus indias, que ainda ha pouco eram pelos fran-cezes.

Exclusivamente por instinctos de chacina e odio de raça o indio lutava, alliando-se quer a uns quer a outros. O selvagem daquellas paragens não podia ter patriotismo.

No Ceará não tinha patria, nomada como era. A fixidez do habitat é necessaria á existencia da idéa de patria. Como poderá ser patria o lugar onde se está de passagem, que não nos vio morrer os avoengos e nascer os filhos? Essa fixidez de morada é condição essencial. E o sentimento patriotico será tanto mais arraigado quanto melhor for a zona de habitação.

O interesse é factor da primeira actividade dos grupos sociaes—a economia.

Os indios, no Ceará, perambulavam pela costa nas estações de caça e pesca, nomadamente.

Não se fixavam, nem estadeavam demoradamente. Pelos sertões combustos pelas estiagens, calcinados pelas seccas periodicas pouco se aventuravam. E sómente mais se fixavam nas faldas das serras e nas varzeas do Cariry, no Sul, onde os phenomenos climatericos raramente appareciam.

O sentimento do patriotismo é demasiado adiantado para gente ainda no estado social primitivo de tribu.

Durante toda a travessia dos exploradores os selvícolas receberam-n'os em paz; e só na Ibiapaba, por instigações, é que fizeram guerra.

Sempre odiaram todas as «faces pallidas» e se alliam a uns para fazer mal a outros.

A amizade é rara no coração do indio. Só apparece em factos isolados ou no domínio das lendas: tal a de Poty, por Martim, na «Iracema», de Alencar; a de Chingachgook, por Nathaniel Bumppo; o Olho de Falcão, no «Derradeiro Mohicano», de Cooper; e a de Chactas, pelo francez René, na «Atala», de Chateaubriand.

A resistencia feroz que toda a raça offerece ao invasor não a fizeram os pelles vermelhas. Antes, fugiram e se embrenharam nos mattos; antes, fizeram assaltos nocturnos e depredações do que resistiram como deviam.

E tanto assim foi que, hoje, o que resta da raça selvagem que possui o norte da America, desde o mar de Hudson á Columbia ingleza, dos pantanaes da Florida ás ribas do Yukon; dessa raça que, civilizada, pacifica e simples cavou os subterraneos da California, no Mexico, construiu palacios riquissimos nos llanos do Chihuahua, alevantou templos e pagodes nas selvas do Yucatan, nos bosques de Guatemala, fez magnificas estradas nos desertos planos do Perú e trazia, por encanamentos, agua para suas cidades, conhecendo a theoria dos vasos communicantes, emquanto que, na Europa, ainda se construiam, a exemplo dos Romanos, pesados aqueductos? Dessa raça indolente, cruel e vagabunda, que pescava e caçava na vastidão dessas costas, do arroio Chuy ao Oya-pock?

Um mesquinho punhado de Portuguezes, Hespanhões e Bretões passou de chifarotes nus e mosquetes aperrados por sobre tudo isso e hoje o que ficou?

Columnas tombadas em Queretáro; templos demolidos nas faldas dos Andes; assini-boios miseraveis na região dos grandes lagos; Sioux rapaces no Territorio Indiano e nas «Public lands», sob o ameaçador olhar das milicias americanas; meia duzia de apaches ratoneiros na Scena Madre; patagões embrutecidos e lá uma ou outra nos sertões do Brasil.

Essa gente, sempre attrahida pelo vicio, incapaz de assimilação, tinha que desaparecer. E a excepção de

Incas e Aztecas, podia defender o rio que desse peixe e a matta que desse caça, mas não podia ter comprehensão do que fosse Patria, a não ser, talvez, um certo egoismo pela completa posse da solidão.

\* \* \*

Quarenta leguas adiante do Punaré rebentou a sedição da soldadesca esfomeada e soffredora. Haviam vindo de tão longe, pensavam, para apanhar no leito das torrentes pepitas de ouro, encher os embornaes de pedras preciosas e não para cortirem miserias sem recompensa até os confins do Maranhão.

Os cabos scientificaram ao capitão que tornasse atrás. Então vistas as circumstancias, Coelho, impotente, accedeu.

Voltaram ao Ceará, em misero estado, magros, rotos, feridos, famintos e mal armados.

Uns arrastavam-se. Outros já tremiam com febre, olhando neurasthenicamente os beiços rôxos das feridas gangrenadas.

Chamaram a esse lugar, que os naturaes denominavam Siará ou Seará, Nova Lusitania e ao arraial que, custosamente, edificaram—Nova Lisboa.

Pero perdera por completo a esperança de achar riquezas naturaes e, arruinado, só tinha uma sahida—colonizar aquella terra e tirar da lavoura o que a terra escondia nas jazidas. Para isto, porem, necessitava de homens, viveres, inunicações e instrumentos.

Deixou a guarnição no arraial sob o commando de Simão Nunes e se foi a buscal-os, *pedibus calcantibus*, na Parahyba.

Pero Coelho voltou mezes depois com uma caravela. Vinha confiante e esperançoso, trazia até a mulher e os filhos.

Adquirira soccorros com os indios e francezes escravizados na Ibiapaba.

Reenviou a caravela atufada de indios aprisionados. Vira o valor dado na Parahyba aos indios captivos

e incitado pelo desejo de fazer fortuna começou logo a prendel-os, enviando, para começar, aquella remessa.

Assim o haviam feito, barbaramente, na America todos os exploradores, desde o famigerado Bovadilla e seu cão Leoncio, que recebia a paga de um soldado.

A tarefa era facil. O indio não resistia, ou, quando preso, morria emperrado.

A soldadesca seguiu o exemplo do chefe, entregou-se ao mesmo mister.

E chegou a ponto tal a infamia que os proprios indios alliados eram feitos escravos.

Os soldados que habitavam o arraial fugiram, abandonando os colonizadores aos seus proprios recursos, cheios de rancor para com aquelles homens, que assim violavam a fé dos tratados.

Faltos de auxilio e temendo, longe como estavam do Rio Grande e da Parahyba, um ataque do gentio, os aventureiros forçaram Coelho a transferir o estabelecimento para a margem esquerda do Jaguaribe.

Na Parahyba haviam-lhe promettido mais recursos e esses não chegavam.

Haviam, com effeito, sido enviados uns barcos. Mas o seu commandante, João Soromenho, desembarcára no Jaguaribe, escravisára indios por sua conta e fôra embora.

Nessa epoca escravisar indios era negocio muito commum e não havia aventureiro que não o fizesse.

João Soromenho queria fazer fortuna.

\*  
\* \*

Pero construiu um miseravel fortim á margem do Jaguaribe. Chamou-o S. Lourenço.

Alli esperou os soccorros, que nunca chegaram.

Os soldados andavam descontentes, frouxos eram los laços da disciplina e ao capitão, cujo procedimento para com os selvagens tizera diminuir-lhe a moralidade, faltavam forças para fazer entrar tudo nos seus eixos.

Simão Nunes, um dia, veio á sua presença e, secamente, pediu-lhe permissão para, com os soldados validos, pas-

sar-se á outra margem em busca de mantimentos, frutas, caça ou qualquer outra cousa.

Simão Nunes foi com os seus quadrilheiros e nunca mais voltou.

O capitão ficou com a mulher e os filhos e dezoito soldados estropeados.

\*  
\* \*

A secca cahio como um véo de luto na frente resequida da terra cearense. Não mais um pingo de agua tomou do céu e nunca mais a nodoa escura de um nimbus toldou a concavidade azul do firmamento.

A ardencia abrazadora chupou da terra a ultima gota de agua, que a chuva deixara nas depressões do terreno ou que se infiltrara nas primeiras camadas do sub-solo. Os ventos alisios, favorecidos pela direcção da costa, escurraçaram a chuva para o oeste, onde a natureza era predisposta a recebê-la.

E o sol ficou, comburindo a terra, roubando-lhe a frescura, num amplexo ardente de impiedosa destruição.

Os indios recolheram-se ao Araripe e ao Punaré. As fêras fugiram. A caça desapareceu. Somente ficaram de pé os esqueletos negros das caatingas, onde, á noite, o vento vinha ullular, lugubrememente.

Coelho, difficultosamente, atravessára com os seus o Jaguaribe, em toscas balsas. E no estendal branco da praia ficou a descançar com os companheiros.

Cahira á noite. A lua, de uma brancura funebre e sepulcral, prateava a areia da praia e as dunas immensas.

Os aventureiros resomnavam sobre o solo, extenuados, envoltos em farrapos.

Pero Coelho, desperto, só, sentado sobre um comoro meditava, fitando o dorso morrediço do oceano, a face na mão.

O luar lhe illuminava o rosto descarnado, as roupas em tiras e a barba grande, encanecida, que ao rijo sopro do nordeste lhe varria o peito.

Semelhava no aspecto a figura austera e lapidar de

Jeremias, scismando á noite, diante de Jerusalém destruída pelos legionarios de Roma.

Meditava. Passava em revista tudo que lhe acontecera. E assim ao recordar-se, sentio a ebriedade de gloria que o assaltara ao pensar na conquista do Maranhão, quando estonteado pelo combate plantara a bandeira da cruz nas palissadas dos reductos francezes. Depois lhe viera a sêde do ouro em troca da ambição de nome. Ella o perdera no conceito dos seus subordinados. Estremeceu. Julgára, no adormecimento daquelle scismar, ouvir os gemidos dos escravos nas senzallas infectas, o tinir das alge mas e o estalar do chicote dos feitores nos seus dorsos acobreados. Despertou tremulo, suado.

Olhou em roda.

Os aventureiros dormiam placidamente. O pio remoto de uma gaivota extinguiu-se no ar. E o mar soluçava triste, immenso, enluarado, a conversar com a praia.

\*  
\* \*

Caminharam tres dias, a morrer de fome e sêde. Comeram o couro das jugulares e das alpercatas. Não encontravam uma sombra. Pero, sobranceiro e resignado, levava os filhos ás costas.

Por vezes, quando uma rajada fazia redemoinhar os areiaes, um soldado cahia de bruços, com um baque surdo, derrubado de fraqueza, e alli ficava a caretear, a face no sol, nas vascas da agonia.

No quarto dia, arrastando se, deram com um poço de agua. Mas não a puderam beber. Era uma agua horrivel, com saes de ferro em tal quantidade que a garganta se engilhava, repellindo-a.

Padeceram o supplicio de Tantalo. Deitaram-se na borda, lambendo a areia humida, chorando, como crianças, de soffrimentos.

Passaram mangues, comendo carangueijos crus. Depois encontraram uma poça de agua boa. Tomaram mais força para a jornada. O capitão já ia desanimado. A mu-

lher era quem, heroicamente, dava animo aos aventureiros.

\* \* \*

Uma manhã todos dormiam. Um bergantim passou perto da praia, arfando, as vélas pandas.

Eis que, de subito, acorda um dos exploradores, levanta-se com dificuldade, põe a mão em pala sobre os olhos e avista o barco, já longe, fugindo poeticamente no azul do céu. Solta um grito estertorado, que acorda os combalidos companheiros:

—Um navio!

Todos se ergueram e cahiram de joelhos, as mãos postas, balbuciando preces de profunda gratidão ao deus em quem acreditavam.

Cedo, porém, comprehenderam que o barco partira.

Então bradaram, chamaram, acenaram, praguejaram indifferente o bergantim fugia no azul..

Veio a reacção do desespero. Rojaram-se pelo chão, a soluçar. Era uma scena de enternecer.

Aquelle navio—esperança momentanea—se apagara pouco a pouco no céu azul, como pouco e pouco esmaecem no firmamento da esperança as illusões que afaga a nossa crendice.

\* \* \*

Morreu dias após o filho mais velho do capitão-mór. Tinha dezoito annos. Morreu de inanição sobre a areia impiedosamente escandecida das praias cearenses.

A morte do filho acabou de quebrantar as energias de Pero Coelho. Elle ficou como que dormente, numa indifferença horrorosa.

Dahi por diante foi a mulher quem, heroica e desgraçada, chefiou aquella gente, deu-lhe animo e forças para soffrer mais.

\* \* \*

O sol desaparecia no horizonte, entre um amontoado de nuvens rubras, arroxando os contornos longiquos das serranias.

O Atlantico, convulso, immenso e escuro, espumava na praia, rugindo.

Sobre a brancura da areia ao pé de uma duna, um montão de fôrmas humanas, quasi sem movimento, de esqueletos enrolados em trapos, estava cahido.

E esses phantasmas, que quasi não viviam, eram os exploradores do Ceará.

Um quiz erguer se e logo tombou de fraqueza, apontando uns vultos negros, que ao longe appareciam, e grunindo imperceptivelmente:

—Gente!

O seu braço descarnado continuou apontado; ria se em silencio, se áquelle esgar se pôde chamar riso; e sob as palpebras papudas, arroxeadas, luzia-lhe nos olhos amarellentos um brilho fulvo— como o dos olhos de um chagal. De repente soltou estridente gargalhada. Enloquecera.

Os vultos eram de indios catechisados, que traziam socorros aos infelizes.

Com elles vinha o vigario do Rio Grande do Norte, instruido por Simão Nunes do abandono de Coelho.

Sem forças para se levantar, cercados pelos indios que os punham em macas e padiolas, os Portuguezes riam-se de prazer, soluçavam de alegria, gruniam de satisfação.

O padre curvou-se sobre os corpos emmagrecidos de Coelho e Thomazia e deu-lhes a beijar o crucifixo. Então, na luz triste do crepusculo, correram lagrimas pela face ruguenta e calma do veterano do Evangelho.

\*  
\* \* \*

Coelho foi um bandeirante, um aventureiro rude, cheio de vicios, embora virtudes tivesse; mas o que soffreu: lavou-lhe as manchas.

Tem a aureola merecida do martyrio e, desconhecido como é, tem tanto valor quanto muitos outros mais falados que não fizeram tanto quanto elle.

GUSTAVO BARROZO (João do Norte).